

## ESTUDO GEOGRÁFICO DAS PLANTAS MEDICINAIS COMERCIALIZADAS NAS FEIRAS LIVRES DA MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA – 168 NA PARAÍBA

ALVES, J. J. A. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Professor Titular da Universidade Estadual da Paraíba – Centro de Humanidades,  
Guarabira/PB.  
Coordenador do GERN  
jaksonamancio@hotmail.com

A cultura popular tem-se ao longo da história da civilização mostrada como uma forte subsidiária ao conhecimento técnico-científico relacionado às propriedades terapêuticas das plantas, principalmente nas regiões tropicais. Na Paraíba, o Agreste constitui uma região fortemente individualizada quer pelas condições naturais, ou pela forma tradicional de organização do espaço produtivo. E, uma dessas individualidades é Microrregião Homogênea – 168, Guarabira, escolhida para o presente trabalho. Localizada em grande parte na Depressão Sublitorânea e abrangendo áreas do Piemonte da Borborema, com uma formação típica de região subúmida, comporta em si uma situação intermediária entre o úmido e o semi-árido. São essas suas peculiaridades em termos de recurso naturais, que desperta um interesse científico no que concerne a sua fitogeografia. O objetivo deste estudo foi de resgatar o registro das várias espécies de plantas nativas comercializadas como medicinais nas feiras livres, como também, relacionar as indicações e formas de aproveitamento dessas plantas. Como procedimentos metodológicos realizaram-se entrevistas com vendedores de plantas medicinais, moradores do campo e da cidade. Junto a estes foram coletadas informações: plantas nativas da região que servem para uso medicinal, etnoflora, parte utilizada, indicação terapêutica e produto mais vendido. Os resultados estão fundamentados na análise dos dados coletados e confrontados com pesquisas registradas na literatura especializada. Segundo a OMS a diferença entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos pode ser muito atenuada através da melhoria da eficiência das ações de saúde pública, através da adoção de programas especiais de apoio ao emprego judicioso das plantas de uso regional, devidamente validadas como medicinais. Chama-se a atenção para as seguintes famílias de espécies nativas medicinais mais citadas: (i) nativas que se destacam em utilização: *Anacardiaceae*, *Caesalpiniaceae*, *Celastraceae*, *Euphorbiaceae*, *Leguminosae*, *Mimosaceae*, *Rhmanaceae*, *Sapotaceae*; (ii) mais comercializadas nas feiras: *Leguminosae*, *Umbelliferae*, *Euphorbiaceae*, *Liliaceae*, *Labiatae*, *Anacardiaceae*, *Compositae*, *Myrtaceae*; (iii) menos representativas nas feiras: *Malvaceae*, *Cruciferae*, *Gramineae*, *Meliaceae*, e outras. Ressalta-se que há uma grande demanda de plantas medicinais nativas comercializadas nas feiras da região, o que indica a importância de aprofundar-se dentro da geografia estudos relativos ao valor da climatobotânica regional visando conhecer os usos terapêuticos como contribuição para uma avaliação objetiva da importância utilitária que a vegetação de uma área possa ter para um agrupamento humano de usuários tradicionais. Os resultados da pesquisa destacam as principais plantas medicinais da região, ilustrações fotográficas, listas de espécies e famílias, com as respectivas descrições, tabelas e gráficos e a interpretação dos mesmos.

**Palavras-chave:** Fitogeografia, Plantas Medicinais, Climatobotânica.

## **GEOGRAPHIC STUDY OF THE COMMERCIALIZED MEDICAL PLANTS IN FREE MARKETS OF HOMOGENEOUS MICROREGION – 168 IN THE PARAÍBA**

Popular culture has been showed for a long time of the history civilization as a power subsidiary to the technical-scientific knowledge related to therapeutic features of plants; mainly in enter the tropics regions, in front of diversity floristic occurrence. In Paraíba, Wasteland constitutes a powerful individualized region or to natural conditions or to traditional organization form of profitable place. One of these individualities is the homogeneous microregion – 168 Guarabira, it was chosen for this work. It is localized in a big part of lower under littoral and comprising areas of the Piemonte of the Borborema, with a typical formation of under wet region, has itself an intermediate situation between wet and half arid. Their peculiarities in terms of natural resources wake up a scientific interesting that concerns its Fitogeography. The target of this study was to bring off a register of several species of commercialized native plants like medical plants in free markets also, to relate indications and utilization forms of these plants. As methodological proceedments, interviews were realized with husbandmen and salesmen of medical plants, country and city dwellers. With these informations were collected: local native plants that are indicated for medical use, Etnoflora (here is defined like plant from local botany clime), utilized part, therapeutic indication and the most sold product. The results are based in the analysis of collected data in opposition with registered researches in specialized literature. According to OMS the difference between developed countries and undeveloped countries can be very tenuous through improvement of efficiency actions of public health, through especial programmers adopted that supports the judicious employment of plants, local use, validate correctly like medicals. Calls attention to the most cited following medical native species families: (i) natives that are emphasized in utilization: *Anacardiaceae*, *Caesalpiniaceae*, *Celastraceae*, *Euphorbiaceae*, *Leguminosae*, *Mimosaceae*, *Rhmanaceae*, *Sapotaceae*; (ii) the most commercialized in markets: *Leguminosae*, *Umbelliferae*, *Euphorbiaceae*, *Liliaceae*, *Labiatae*, *Anacardiaceae*, *Compositae*, *Myrtaceae*; (iii) the least representatives in markets: *Malvaceae*, *Cruciferae*, *Gramineae*, *Meliaceae* and others. Stress a huge demand of commercialized medical native plants in local markets, that indicates the importance of the deepen into geography, relative study to the local botany clime glimmering to know the therapeutic uses like contribution for a direct evaluation of utility' s importance that vegetation from area has for traditional uses. The search' s results emphasize the main local medical plants, photographic illustrations, species and families list with respective descriptions, board, graphics and its interpretations.

**Keywords:** Fitogeography, Medical plants, Botany Clime

## ESTUDO GEOGRÁFICO DAS PLANTAS MEDICINAIS COMERCIALIZADAS NAS FEIRAS LIVRES DA MICRORREGIÃO HOMOGÊNEA – 168 NA PARAÍBA

ALVES, J. J. A. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Professor Titular da Universidade Estadual da Paraíba – Centro de Humanidades  
Guarabira/PB.

Coordenador do GERN  
jaksonamancio@hotmail.com

### Introdução

A utilização de plantas medicinais é parte integrante da cultura nordestina nas suas mais diversas regiões fisiográficas e tantas são as referências ao seu uso nas mais diversas situações. No entanto, o seu largo emprego não tem merecido atenção especial de quem publica e são ainda poucos os trabalhos que neste domínio se têm dentro da geografia investigados. Durante muito tempo considerou-se sem interesse o desenvolvimento deste tema face à importância crescente da química moderna e das maravilhas que supostamente se consegue copiando a natureza. Mas, as muitas dúvidas em relação a muitas substâncias químicas que o homem concebe, culmina com a procura dos tradicionais remédios caseiros. Também a idéia de que só as plantas medicinais espontâneas tinham as propriedades que se procuravam, está hoje posto de lado, podendo ser cultivadas, com largo benefício para o desenvolvimento das propriedades apreciadas, o que se torna mais fácil a sua colheita e conseqüente preparação. A cultura, em vez da coleta de plantas natural, tem ainda a vantagem de evitar a remoção em habitat sensível, com a conseqüente destruição de plantas com interesse de conservação e de evitar extração extenuante que podem levar ao desaparecimento de algumas espécies.

As plantas medicinais, nas suas mais diversas espécies, podem apresentar consistência herbácea, semi-herbácea ou lenhosa, com aproveitamento apenas de uma parte da planta ou da totalidade. Estas plantas têm na sua composição as substâncias que todas as outras possuem, como seja, água, sais minerais, ácidos orgânicos, hidratos de carbono ou substâncias protéicas. No entanto de planta para planta, há uma variação relativa destes compostos e noutras aparecem alguns outros que as demarcam e conferem propriedades especiais, influenciadas pelas condições edafoclimatológicas que podem interferir nessas propriedades.

É inegável a contribuição da etnobotânica em diversos aspectos das ciências naturalistas. Uma das mais importantes, sem dúvida, é a pesquisa de plantas medicinais. Elisabetsky (1991) reforçou que o estudo das plantas medicinais permite o entendimento dos sistemas locais de medicina, a elucidação das bases racionais para o uso medicinal de algumas espécies vegetais, o desenvolvimento de fitoterápicos de custos mais baixos e a descoberta de novas drogas.

A mesma autora já havia enfatizado a importância da etnofarmacologia na descoberta de novas drogas, no reconhecimento de novas ações terapêuticas de compostos já comumente usados para outras finalidades e na utilização de plantas *in natura* ou em formulações

farmacêuticas simples para desenvolver medicamentos de baixo custo (Elisabetsky, 1986; Elisabetsky e Moraes, 1990).

Farnsworth (1993) afirmou que as informações populares servem como fonte de pesquisa para novos medicamentos; segundo ele, os dados oriundos das culturas indígenas podem validar uma droga vegetal. Pesquisadores de diversas áreas em etnobotânica, todos concordam com o fato de que, pragmaticamente, estes estudos são uma espécie de "peneira" na pesquisa de plantas medicinais, separando, através das informações coletadas das comunidades tradicionais, plantas com maiores potenciais de ter atividade terapêutica, uma vez que já foram (e são) testadas por elas há muito tempo. Embora concepções acerca de doenças e o entendimento delas pelas comunidades possam ser diferentes da "ciência moderna", a seleção prévia de plantas, reduzindo-as a um grupo menor e mais específico, ajuda a manter um maior esforço concentrado, com menor custo e menor tempo gasto, comprovado pelos trabalhos citados. No Brasil a situação é semelhante, de acordo com depoimentos de diversos pesquisadores. O processo desenfreado de ocupação territorial pelo homem (construção de rodovias e barragens, expansão agrícola, turismo, especulação imobiliária etc.) tem levado à destruição da vegetação original e a alterações nos hábitos e costumes das populações nativas. A etnobotânica pode contribuir para que esses conhecimentos, a população e as vegetações locais sejam mais bem compreendidos e conservados (Ming, 2006).

Gottlieb (1979) exemplificou essa situação com os índios da Amazônia, segundo ele, os únicos que conhecem as propriedades das espécies da floresta e como elas podem ser mais bem utilizadas. Esse conhecimento deve ser considerado como componente essencial de todos os esforços para conservar e desenvolver a Amazônia, o que foi também reforçado por Schultes (1994).

A Organização das Nações Unidas (ONU), desde 1976, tem realizado assembléias e formulado resoluções visando estimular a medicina tradicional em todos os países. Em 1988, na declaração de Chang-Mai, "alarmados com as conseqüências da perda da diversidade vegetal no mundo", a ONU chama a atenção de todos os países, agências internacionais, governos e entidades não-governamentais para a "contínua erosão e perda de culturas indígenas que geralmente detêm o segredo da descoberta de novas plantas medicinais que podem beneficiar a comunidade global".

Akerele (1991) afirmou que a investigação, utilização e exploração de plantas medicinais, por um país deve também incluir medidas para sua conservação. Uma política de conservação deveria abranger estudos na área de levantamentos etnobotânicos de plantas medicinais, para identificar as ameaçadas, estabelecer prioridades e monitoramento da situação, estudos farmacológicos e clínicos para testar sua segurança e eficácia terapêutica, juntamente com a decisão de cultivá-las comercialmente. Afirmou ainda que o desenvolvimento de políticas para a conservação requer a ordenação dos valores relativos e da importância das espécies, que devem ser observadas de acordo com as características de cada região.

Hamann (1991) relatou o esforço de duas organizações não-governamentais da área de

conservação, *The International Union for Conservation of Nature and Natural Resources (IUCN)* e *World Wildlife Fund (WWF)*, que traçaram como um de seus principais objetivos a conservação de plantas selvagens de valor econômico, principalmente para a população rural dos países em desenvolvimento, dando especial atenção para as plantas medicinais usadas nos cuidados primários de saúde.

Muitas vezes é observada uma preocupação majoritariamente utilitarista da conservação para garantir o acesso dos países industrializados aos recursos genéticos medicamentosos dos países em desenvolvimento, que possuem as maiores diversidades (Plotkin, 1991).

A Microrregião Homogênea – 168, Guarabira, escolhida para o presente trabalho, faz parte da Mesorregião do Agreste. O vocábulo agreste comporta em si mesmo uma situação intermediária entre o úmido e o semi-árido, por conseqüente a individualidade regional relativa ao termo deve ser sinônimo de pluralismo tanto no que se tange às condições naturais, como no que se refere à organização da produção. Localizada em grande parte na Depressão Sublitorânea e abrangendo áreas do Piemonte da Borborema, esta é uma das regiões do Agreste que se caracteriza pela importância de uma policultura fortemente diversificada e pela pecuária melhorada de grande porte voltada para o corte. Guarabira é o centro de comercialização e o mais importante centro de serviços da região. Esta abrange 1.308 Km<sup>2</sup> e engloba 14 municípios, a saber: Araçagi, Alagoinha, Cuitegi, Caiçara, Belém, Guarabira, Logradouro, Mulungu, Pirpirituba, Sertãozinho, Duas Estradas, Lagoa de Dentro, Pilõesinhos e Serra da Raiz. O objetivo deste estudo foi de resgatar o registro das várias espécies de plantas, principalmente as nativas comercializadas como medicinais nas feiras livres, como também, relacionar as indicações e formas de aproveitamento dessas plantas como indicativo para benefício na qualidade de vida populacional.

## **Metodologia**

A cultura popular tem-se ao longo da história da civilização mostrada como uma forte subsidiária ao conhecimento técnico-científico relacionado às propriedades terapêuticas das plantas, principalmente nas regiões tropicais. Por isso, os procedimentos metodológicos basearam-se principalmente em entrevistas e aplicações de questionários, num total de 28, tanto com raizeiros, como com os comerciantes de plantas medicinais, moradores do campo e da cidade. Junto a estes foram coletadas informações: plantas nativas da região que servem para uso medicinal, etnoflora, parte utilizada, indicação terapêutica e produto mais vendido. Os resultados estão fundamentados na análise dos dados coletados e confrontados com pesquisas registradas na literatura especializada. O trabalho ocorreu basicamente em duas etapas, sendo elas:

- a) Levantamento e análise dos dados básicos: (i) Pesquisas bibliográficas sobre a temática.
- b) Análise preliminar dos pontos de vendas nas áreas de feiras-livres: (i) Levantamento preliminar das plantas medicinais.
- c) Levantamento e Entrevistas: (i) Inventário fitogeográfico; e (ii) Registro Fotográfico.

Tanto o inventário fitogeográfico como o registro fotográfico, foram feitos a partir da seguinte ficha de trabalho (Ficha 1), aplicando 2 fichas por município, num total de 14 pontos de feira livre na microrregião.

### Ficha de Trabalho 1

Estudo Geográfico das Plantas Medicinais Comercializadas nas Feiras Livres da Microrregião Homogênea – 168 na Paraíba

Cidade: \_\_\_\_\_

1. Entrevistado:      ( ) Raizeiro    ( ) Comerciante

2. Tipo de Planta Medicinal:

Nome popular	Parte Comercializada	Etnoflora						Indicação Terapêutica
		ZM	A	B	Cr	Ct	S	

Legenda: **ZM**: Zona da Mata; **A**: Agreste; **B**: Brejo; **Cr**: Cariri; **Ct**: Curimataú; **S**: Sertão.

Fonte: Elaboração própria.

Org: Jose Jakson Amancio Alves

3. Produto mais vendido (Por quê?); 4. Com relação às preparações usuais de plantas medicinais; e 5. Com relação ao preparo do remédio.

### Resultados e Discussões

O homem primitivo, certamente, experimentava as plantas do seu ambiente, selecionando algumas para sua alimentação, repugnando outras, possivelmente por serem prejudiciais ou tóxicas transmitidas através da experiência popular. Da mesma maneira, deve ter experimentado os vegetais para aliviar seus males ou mesmo seu tédio. No caso de plantas medicinais, estas foram, na sua grande maioria, descoberta empiricamente. Com base nestes conhecimentos acumulados pela medicina popular, foram desenvolvidos alguns dos diversos medicamentos utilizados na medicina científica, como os digitálicos, a quinina, a morfina, a atropina, etc.

A utilização de plantas medicinais no Brasil tem origem na cultura dos diversos grupos indígenas que habitavam o país. São exemplos: a ipecacuanha (*Cephaelis ipecacuanha* (Brot.) A. Rich.), o jaborandi (*Pilocarpus* spp.), o guaraná (*Paullinia cupana* H.B.K.), o taiuiá (*Cayaponia* spp.), a erva-de-bugre (*Casearia silvestris* Swartz.), etc. Muitas outras foram trazidas pelos europeus, como a camomila (*Matricaria chamomilla* L.), a melissa (*Melissa officinalis* L.), a malva (*Malva sylvestris* L.), o funcho (*Foeniculum vulgare* Mill.); ou pelos africanos, como a erva-guiné (*Petiveria alliacea* L.), e o melão-de-são-caetano (*Momordica charantia* L.); outras ainda são provenientes de outros países sul-americanos, como o boldo (*Peumus boldus* Mol.) e a quilaia (*Quillaja saponaria* Mol.). Os componentes que as

diferenciam de outras são as características medicinais, os valores terapêuticos, ou seja, seus princípios ativos. Entre estes é importante citar: (i) **Alcalóides**; (ii) **Glucosídeos**; (iii) **Óleos essenciais**; (iv) **Taninos**; (v) **Princípios amargos**; (vi) **Mucilagens**. A grande maioria das pessoas conhece e usam as plantas medicinais, que são geralmente sempre transmitidos dentro de uma família, especialmente entre as mulheres, relatos que se confirmaram com a presente pesquisa. De acordo com os 28 entrevistados, a seguir apresentamos a descrição de algumas das espécies citadas no trabalho de entrevistas que foi realizado durante a pesquisa para levantamento de dados, através do Quadro I.

NOME VULGAR	NOME CIENTIFICO	FAMÍLIA	DESCRIÇÃO
Angico	<i>Anadenanthera macrocarpa</i>	Mimosaceae	Árvore de caule mais ou menos tortuoso, de casca grossa, muito rugosa; folhas bipinadas com folíolos rígidos; flores alvas em capítulos globosos axilares; fruto vagem achatada e grande.
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolius</i>	Anacardiaceae	Árvore de diâmetros variados; casca cinzenta escura e áspera; copa ovóide e com ramos desenvolvidos; folhas imparipinadas, pubescentes, com 2-7 pares de folíolos sésseis, oblongos, agudos ou obtusos, crenados nas margens; flores miúdas, amarelo-pálidas; fruto drupa. Globoso.
Bom Nome	<i>Maytenus rigida</i>	Celastraceae	Árvore de folhas curtamente pecioladas, inteiras, coriáceas, obtusas ou retusas; flores pequenas, brancas, em cimos; fruto cápsula, ovóide, com epicarpo castanho-escuro.
Catingueira	<i>Caesalpinia pyramidalis</i>	Leguminosae	Árvore de até 4 m de altura; folhas bipinadas, 5-11 folíolos sésseis, alternos, obtusos, oblongos; flores amareladas dispostas em racems poucos maiores ou tão longo quanto às folhas.
Cumaru	<i>Amburana cearensis</i>	Anacardiaceae	Árvore que pode atingir até 12 metros de altura. O tronco possui casca grossa, avermelhada, pardacenta, suberosa. A parte exterior do tronco apresenta finas camadas. As folhas são alternas, compostas de 7 a 12 folíolos ovados. As flores são brancas, pequenas e aromáticas, dispostas em racemos axilares luitifloros que cobrem inteiramente os galhos. Não há presença de folhas durante a floração. O fruto é uma vagem achatada, escura, com uma semente alada. A semente tem manchas de marrom e branco e possui cheiro agradável. A casca tem cheiro suave.
Jatobá	<i>Hymenaea coubaril</i>	Leguminosae	Árvore desenvolvida frondosa; folhas compostas de 2 folíolos, mais ou menos falciforme, glabros, lustrosos; flores esbranquiçadas ou avermelhadas, em panículas terminais; fruto vagem oblonga, castanho avermelhado, com 3-6 sementes cobertas de polpa amarelo-pálida, adocicada.
Juazeiro	<i>Zizyphus joazeiro</i>	Rhamnaceae	Planta de porte mediano, às vezes de tronco reto ou tortuoso, armado de fortes espinhos, com ramos flexuosos subdivididos, pubescentes ou não; folhas de 5-7 ou até 10 cm de comprimento e 3-5 cm de largura, pecioladas, largo-ovais, cordiformes na base, levemente coriáceas, lisas serrilhadas, de cor verde forte; estípulas freqüentemente caducas; inflorescência em cimeiras, multiflores; cálice de 4-5 mm; pétalas recurvas; fruto drupa amarela, mucilaginoso.
Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i>	Leguminosae	De casca acinzentada, lisa, fina; folha bipinadas, folíolos glabros, oblongo, verdes, quebradiços; flores amarelas pequenas, dispostas em panículas pubescentes e terminais; vagem bruno-amarelada, pequena, achatada, encurvada; sementes escuras e duríssimas.

Jurema Preta	<i>Mimosa hostilis</i>	Leguminosae	Árvore de caule retorcido, de casca quase negra, fendida longitudinalmente, de até 4 m de altura; folhas bipinadas, com folíolos muito reduzidos; flores amareladas e dispostas em espigas.
Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i>	Solanaceae	Arbusto de caule armado de acúleos; folhas ovadas, oblongas, lanceoladas, acuminadas, inteiras ou profundamente lombadas; flores lilazes, dispostas em cima paniculiforme, muito ramoso; fruto baga globos, achatada.
Linhaça	<i>Leucaena leucaephala</i>	Leguminosae	Planta perene, de porte arbóreo; folhas bipinadas, raquis pubescente; folíolos oblongo-lineares, agudos, estípulas triangulares, glabras; flores brancas agrupadas em uma cabeça globular, solidária; vagens finas, achatadas, acuminadas; sementes elípticas, e de coloração marrom brilhante.
Marmeleiro	<i>Cróton sonderianus</i>	Euphorbiaceae	Arbusto ou arvoretta pequena; folhas alternas cordiforme-alongadas, tomentosas por baixo; flores cheirosas, amarelas em espigas; fruto cápsula pequena, trígona com 3 sementes.
Mororó	<i>Bauhinia cheillantha</i>	Leguminosae	Arbusto de porte elevado; râmulos frágeis ou pendulares, glabro ou pubescentes; folhas divididas acima do meio, avais ou lanceoladas, nas bases arredondadas ou subcordiformes, membranáceas; pecíolos de 2 a 3 cm; flores de dimensões variadas; tubo do cálice fino, lacíneas de 3 a 5 cm, convergentes na espata; pétalas do comprimento do cálice; ovário glabro; fruto vagem, perfeita de tamanho variado.
Mulungu	<i>Erythrina mulungu</i>	Leguminosae	Planta de porte arbóreo; caule de casca castanho-acinzentado; ramos novos verde-cinza claros, lisos; folhas alternas, compostas, pinado-trifoliadas; inflorescência em racemos agrupados no ápice; flores vistosas, dispostas em vertículos; fruto vagem de cor castanho.

Quadro I - Descrição das espécies que se destacam em utilização

Fonte: Entrevistas e Pesquisas In Locu.

Org: Jose Jakson Amancio Alves

Um detalhe importante, é que com relação à etnobotânica das plantas comercializadas, que assim se distribuem quanto à origem: **Agreste (15%)**, **Curimataú (10%)**, **Seridó (5%)**, **Cariri (30%)** e **Sertão (40%)**. Quanto aos fatores dessa distribuição, que, no entanto não foram aprofundados nessa pesquisa, porém, a que tudo indica diante das conversações, estaria relacionado ao uso tradicional das plantas nessas regiões de origem do produto comercializado. Quanto ao emprego judicioso das plantas de uso regional, devidamente validadas como medicinais nas feiras livres, chama-se a atenção para as seguintes famílias de espécies citada oriundas das diversas entrevistas: (i) **nativas que se destacam em utilização**: Anacardiaceae, Caesalpiniaceae, Celastraceae, Euphorbiaceae, Leguminosae, Mimosaceae, Rhmanaceae, Sapotaceae; (ii) **mais comercializadas nas feiras**: Leguminosae, Umbelliferae, Euphorbiaceae, Liliaceae, Labiatae, Anacardiaceae, Compositae, Myrtaceae; e (iii) **menos representativas nas feiras**: Malvaceae, Cruciferae, Gramineae, Meliaceae, e outras. Popularmente, as plantas medicinais de pequeno porte são conhecidas por ervas e geralmente são utilizadas inteiras; para plantas maiores (arbustos, árvores, etc.) é comum à distinção de uma parte específica a ser utilizada (raízes, folhas, frutos, sementes, flores, etc.). Esta parte é geralmente secada à sombra, podendo ser picada grosseiramente (planta rasurada) e utilizada em preparações diversas. Diante das respostas, obteve-se o Quadro II, com detalhes, tais



como: Indicação Terapêutica e Parte da Planta Utilizada, das citadas com maior evidência em todas as entrevistas.

Nome Vulgar	Família	Indicação Terapêutica	Parte da Planta Utilizada
Angico	<i>Mimosaceae</i>	Depurativa, Adstringente, Hemostática	Cascas e entrecascas
Aroeira	<i>Anacardiaceae</i>	Antialérgica, Antiinflamatória, Cicatrizante	Cascas e entrecascas
Cajueiro	<i>Anacardiaceae</i>	Antidiarréica, Antiasmática, Tônica	Folhas, cascas e óleo
Catingueira	<i>Caesalpiniaceae</i>	Infecções catarrais e disenterias	Folhas, flores, cascas e raízes
Cumaru	<i>Anacardiaceae</i>	Melhorar a respiração e expectoração	Cascas, entrecascas e sementes
Colônia	<i>Zingiberaceae</i>	Tratamento de hipertensão arterial	Folhas e flores
Favela	<i>Euphorbiaceae</i>	Inflamações em geral e cicatrização	Cascas, entrecascas, raízes e látex
Juazeiro	<i>Rhamnaceae</i>	Higiene Bucal e do couro cabeludo	Folhas, cascas, entrecascas, frutos e raízes
Jurema Preta	<i>Mimosaceae</i>	Antiinflamatório e cicatrização de ferimentos	Cascas e entrecascas
Jurubeba	<i>Solanaceae</i>	Problemas digestivos e distúrbios hepáticos	Folhas, frutos e raízes
Mororó	<i>Caesalpiniaceae</i>	Redução de açúcares e colesterol do sangue	Folhas e cascas
Mulungu	<i>Fabaceae</i>	Ação sudorífica, calmante e no combate a doenças pulmonares	Folhas, flores, frutos, cascas e raízes
Ipê roxo	<i>Bignoniaceae</i>	Antialérgico, Antibacteriano, Antiinflamatório	Cascas e entrecascas
Quixaba	<i>Sapotaceae</i>	Tratamento de diabetes	Cascas, entrecascas e raízes

Quadro II - Indicação Terapêutica e Parte da Planta Utilizada entre as de maior evidência.

Fonte: Entrevistas e Pesquisas In Locu. Org: Jose Jakson Amancio Alves

Com relação às preparações usuais de plantas medicinais registramos o seguinte: a) **Chás**: (i) **maceração**; (ii) **infusão**; (iii) **decoção**. b) **Alcoólaturas**; c) **Xaropes**; d) **Garrafadas**; e) **Compressas**; f) **Banhos**; g) **Cataplasmas**. Com relação ao preparo do remédio a partir das entrevistas, encontramos a seguinte classificação: remédio morno, remédio fresco e remédio quente.

### Considerações Finais

O conhecimento profundo da maneira correta de se manipular uma planta medicinal é essencial às pessoas que têm preferência em consumir produtos naturais. Todos os processos de cuidados com as plantas medicinais devem ser analisados, desde o local onde devem ser plantadas, passando pelo preparo do solo, adubação, controle de pragas e doenças, colheita, métodos de secagem, armazenamento e embalagem, riscos no consumo, até como se evitar a deterioração destas drogas. Por fim, algumas recomendações alusivas ao uso de plantas medicinais, encontradas nas diversas literaturas consultadas e nas opiniões de muitos entrevistados:

(i) Utilizar plantas conhecidas e não de identidade duvidosa; (ii) Nunca coletar plantas medicinais junto a locais que possam ter recebido agrotóxicos em geral; (iii) Nunca coletar plantas medicinais que crescem à beira de lagos, lagoas e rios poluídos; (iv) As plantas medicinais devem ser secadas à sombra, em ambiente arejado, por alguns dias (até tornarem-se quebradiças), antes de serem utilizadas; (v) Verificar o estado de conservação (umidade, mofo, insetos, etc.) da planta medicinal a ser adquirida; (vi) Evitar o uso de misturas de plantas medicinais. Nem sempre o processo de preparação mais indicado é o mesmo para plantas diferentes e a combinação pode resultar em efeitos imprevisíveis.

Compreende-se assim, que antes de se utilizar um produto natural é preciso, acima de tudo, conhecer o seu verdadeiro efeito ao organismo, para que uma planta medicinal possa realmente apresentar resultados fitoterápicos e contribuir para a qualidade de vida dos seres humanos.

### **Referencias Bibliográfica**

AKERELE, O. **Medicinal plants: policies and priorities**. In: AKERELE, O; HEYWOOD, V.; SYNG, H. (Eds.) *Conservation of medicinal plants*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p.3-11.

ELISABETSKY, E. **New directions in ethnopharmacology**. J. Ethnobiol. v.6, n.1. 1986. p. 121-128,

ELISABETSKY, E. **Sociopolitical, economical and ethical issues in medicinal plant research**. J. ethnopharmacol. v. 32. 1991. p. 235 – 239.

ELISABETSKY, E.; MORAES, J.A.R. de. **Ethnopharmacology: a technological development strategy**. In: POSEY, D.A.; OVERAL, W.L. {Eds.) *Ethnobiology: implications and applications*. Belen: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1990, p.111-8.

GOTTLIEB.O. **Chemical studies on medicinal Myristicaceae from Amazonia**. *Ethnopharmacol*, v.1, 1979. P.309-43.

HAMANN, O. **The joint IUCN-WWF plant conservation program and its interest in medicinal plants**. In: AKERELE, O.; HEYWOOD, V.; SYNG, H. *Conservation of medicinal plants*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p.13-24.

MING, Lin Chau. **Plantas medicinais na reserva extrativista Chico Mendes: uma visão etnobotânica**. São Paulo: Ed. UNESP. 2006. p.160.

PLOTKIN, M.J. **Traditional knowledge of medicinal plants the search for new jungle medicine**. In: AKERELE, O; HEYWOOD, Y.; SYNG, H. *Conservation of medicinal plants*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p.53-63.

SCHULTES, RE. & RAFFAUF, RF. **The healing forest medicinal and toxic plants of north west Amazonia**. Portland: Oioscorides Press, 1990. 484p.